



RAP FEMINO: DEBATE DE GÊNERO NO COTIDIANO

Iasmim Iaci dos Santos Beranger¹

Julia Savian²

Resumo: *As discussões realizadas no presente trabalho ensejam apresentar o rap feminino em sua relação com os debates de gênero. Salienta-se o caráter de denúncia social do rap e sua relevância como manifestação artística popular e exercício político.*

Palavras-chave: Rap feminino. Gênero. Cultura Popular.

Introdução

No presente trabalho, buscou-se relacionar a produção feminina no *rap* - como uma dimensão do vivido - com os debates de gênero. Conforme Roberto Camargos (2015), o *rap* é frequentemente olhado com desdém, considerado como um filho bastardo da arte, como algo que não passa de uma mera manifestação discursiva. O *rap* apresenta-se interrelacionado com a arte e a política, atuando no cotidiano como uma ferramenta para interrogar o mundo, que tem como base o exercício político. Com a ascensão do *rap* feminino as tensões de gênero tornam-se temas das faixas: fala-se do ser mulher e da discriminação da mulher dentro do *campo do rap*. As *rappers* valem-se da arte para denunciar as mazelas sociais e suas músicas podem ser utilizadas para perceber as relações de poder que atravessam as questões de gênero, bem como para identificar o *rap* como um campo de disputa e concorrência. O rap pode ser definido como um estilo musical que:

"caracteriza-se pela re-invenção do cotidiano através da oralidade de pessoas comuns que denunciam em suas canções problemas graves vivenciados nas situações sociais extremamente adversas e totalmente negligenciadas pelos Donos do Poder" (CONTIER, 2005).

O movimento pode ser descrito como uma cultura de rua que nasceu nos guetos de Nova Iorque, em especial no bairro Bronx. No Brasil o *hip hop* chegou através do *break*, no início da década de 80, introduzido nos bairros nobres de São Paulo por pessoas de camadas ricas, posteriormente Nelson Triunfo levou o movimento para as ruas, onde conquistou as camadas dos excluídos sociais da cidade de São Paulo.

O *rap* tornou-se um gênero musical autônomo do *break* quando os *rappers* e os *breakers* dividiram-se em espaços geográficos distintos, devido à perseguição policial e às reclamações de lojistas que associavam as aglomerações com furtos e roubos, os primeiros estabeleceram-se no largo São Bento e os segundos dirigiram-

¹ Acadêmica do terceiro ano de História, Universidade Estadual do Centro-Oeste, iacisabe@hotmail.com.

² Acadêmica do terceiro ano de História, Universidade Estadual do Centro-Oeste, juliasavian777@gmail.com.

se para a Praça Roosevelt. Tanto no passado como atualmente, apesar de que desde a década de 80 as mulheres buscam inserir-se no *rap*, o número de mulheres cantantes de rap é menor que o número de homens que executam a mesma atividade.

Machocídio e Rima Dela Cypher #2: Uma análise

As reflexões a respeito de gênero, corpo e sexo não se apresentam unicamente no campo acadêmico, apresentam-se também no cotidiano, tornando possível analisar a resistência feminina por meio da análise de trechos de suas produções artísticas. O rap feminino se desenvolve através de um enfrentamento dos padrões culturais que oprimem as mulheres, de forma poética e clara o *rap* feminino é uma forma de empoderamento e militância, no qual seu processo criativo se desenvolve a partir da identidade de gênero. Para desenvolver a análise foram selecionadas a música *Machocídio* das rappers Sara Donato, Issa Paz, Souto MC e Luana Hansen e a música *Rima Dela Cypher #2*, composta por Mel Duarte, contendo a participação Bianca Hoffmann, Souto MC, e Killa Bi.

Em *Machocídio* vê-se a opressão de gênero em diferentes facetas:

Essa é pra você, óh rei da virilidade!
Que julgou o ser mulher, um ser de incapacidade
Que estupra, mata e enlouquece todo dia
E faz da minha buceta o seu troféu pra hierarquia
Eu sou a puta, a trepadeira, a vadia

O discurso é dirigido ao homem viril – aquele que busca corresponder ao ideal de masculinidade que pressupõem força física e potência sexual - que coloca a mulher em uma posição de inferioridade e submissão, associando a busca masculina pela correspondência ao papel de gênero vigente com casos de estupro e feminicídio. Ademais, o mesmo homem que “faz da minha buceta o seu troféu pra hierarquia”, coloca a mulher como “a puta, a trepadeira, a vadia”. Já em *Rima Dela Cypher #2*, têm-se:

Nos querem supérfluas, apáticas, sem senso crítico
Nos moldam em estéticas, inépcias, estratégia sádica
orquestrada por cínicos
Eu rejeito teus dogmas e mantenho a perspicácia no meu raciocínio
Ainda observo bem atenta os que compactuam com a tua lógica
ilícita de extermínio

No trecho percebe-se outros traços da opressão de gênero, soma-se as questões levantadas em *Machocídio* a pressão estética e a noção de mulher como objeto que deve ter sua existência limitada a beleza. As *rappers* posicionam-se: “eu rejeito teus dogmas e mantenho a perspicácia no meu raciocínio”. Em *Machocídio* as *rappers* posicionam-se também contra a opressão dentro do *campo* do *rap*, abordando a invisibilização das mulheres no movimento e o desejo de *mudar o jogo*:

O nosso time tá formado pronta pra mudar o jogo
As que bate de frente contra os que baba ovo
Se afoga no seu ego, oh estúpido machista!

Agora é só rajada dessas mina terrorista
Admita que tá bolado, afinal cê já deu brecha
Quando escolheu os macho pra tocar na sua festa

Ademais, as *rappers* manifestam-se contra a violência contra a mulher, o feminicídio e a aceitação/naturalização das mortes:

Como será que um corpo suporta tanta violência inescrupulosa?
Como é possível dormir com as vozes
em minha cabeça de tantas irmãs mortas?
Nossa almas pedem por socorro e ninguém nota!

Considerações finais

Viu-se que o rap feminino direciona um olhar crítico sobre as relações de poder estabelecidas por papéis de gênero na sociedade, nas quais a partir das vivências se aborda temáticas múltiplas, abordando desde pressão estética até o feminicídio. As músicas abordam as discussões de gênero no cotidiano das mulheres, em forma de protesto contra a dominação masculina, a violência contra as mulheres, o estupro, a exploração sexual e os estereótipos de feminilidade. A partir do mundo em que vivem, tendo reflexões e percepções suas vidas e buscam combater essa desigualdade. Expressam de modo artístico a crueldade do mundo que vivem, enfrentam com as rimas um mundo misógino machista e heteronormativo.

Referências:

CONTIER, A. D. **O rap brasileiro e os Racionais MC's**. In Anais do 1 Simpósio Internacional do Adolescente. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2005.

COVA, Anne. **História das mulheres em questão**. Entrevista Denise Bernuzzi de Sant' Anna. Projeto História, São Paulo, n.45. pp.317-325, DEZ, 2012.

DONATO, Sara *et al.* **Machocídio** (2016). Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/dmna/machocidio.html>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

DUARTE, Mel *et al.* **Rima Dela Cypher #2** (2017). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mel-duarte/rima-dela-cypher-2-part-bianca-hoffmann-souto-mc-cris-snj-e-kill-a-bi/>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

LERNER, Gerda. **La creación del patriarcado**. Traducción: Monica Tusell. Editorial Crítica: Aragón, 1990.